

CAPÍTULO 1

COMO FAZER UMA RESENHA DE LEITURA

Entre os primeiros trabalhos solicitados aos estudantes que frequentam cursos médios ou universitários, encontra-se a realização do estudo aprofundado e comentado de obras. As vantagens desse exercício são numerosas: ele possibilita descobrir as obras de um autor, apreciar as sutilezas de sua reflexão, afinar-se com o diapasão da ciência, assimilar novos conhecimentos e familiarizar-se com técnicas, métodos de trabalho e procedimentos de análise.

Na maioria dos casos, é por meio da redação de uma resenha de leitura que o pesquisador neófito efetua o estudo da obra que lhe é indicada. Trata-se de uma aprendizagem muito fecunda, graças à qual o estudante adquire um saber, inicia-se nas injunções da atividade metódica e rigorosa, aguça seu espírito crítico e desenvolve sua autonomia intelectual.

O objetivo deste capítulo é enunciar os problemas suscitados pela redação de uma resenha de leitura. Depois de explicarmos em que consiste esse exercício intelectual (seção 1), formularemos alguns conselhos que possibilitam sua realização adequada (seção 2). Estes terão duas formas: apresentação de uma metodologia e de uma sistemática de trabalho e indicação de alguns truques desprezíveis, mas eficazes. O capítulo será completado com exemplos de resenhas redigidas segundo as recomendações prescritas (seção 3). Uma tabela recapitulará os principais tópicos do capítulo.

1. O QUE É UMA RESENHA DE LEITURA

O primeiro objetivo da resenha é apresentar a um leitor a tese e a argumentação centrais de uma obra, tentando esclarecer seu interesse ou sua banalidade, a força e as lacunas da tese e da argumentação, portanto da obra.

A resenha de leitura representa um meio eficaz de difusão do saber nos círculos de pesquisa, pois informa o leitor sobre o conteúdo e o interesse de uma obra, sem que ele precise tomar conhecimento da obra inteira. Numa época em que a produção científica ultrapassa quantitativamente a capacidade de leitura do especialista mais cuidadoso, a resenha possibilita que o leitor se mantenha atualizado e faça o inventário de um máximo de publicações num mínimo de tempo. Trata-se de um meio comprovado de aumentar a produtividade intelectual do pesquisador.

A resenha de leitura é um exercício que exige enorme atenção, muito rigor, grande esforço de síntese e espírito crítico desenvolvido. Também requer, por parte da pessoa que a faz, um bom conhecimento do contexto de produção da obra avaliada, um conhecimento mínimo do perfil intelectual de seu autor e um conhecimento aprofundado do amplo debate – teórico, metodológico, historiográfico ou político – no qual se insere essa obra.

A resenha se distingue do simples resumo de leitura pela **distância relativa** que é preciso tomar em relação à obra avaliada. A resenha não consiste na repetição condensada do conteúdo do livro. Trata-se mais de distinguir a estrutura fundamental dessa obra, suas propriedades distintivas e algumas de suas características não imediatamente visíveis: tese proposta, intenção do autor, desenvolvimento do raciocínio etc. Essa distância relativa exige vários níveis de leitura. Contam-se três principais. Nós os denominamos **leitura assimilativa**, **leitura compreensiva** e **leitura crítica**. Adiante distinguiremos esses níveis de leitura.

A boa resenha costuma ser composta por três partes. A primeira parte **situa** a obra, a segunda a **disseca** e **revela seu conteúdo**, e a terceira **faz sua apreciação**.

2. REDAÇÃO DE UMA RESENHA DE LEITURA

ASSIMILAR UMA METODOLOGIA DE TRABALHO...

Precisamos ser honestos: não existe um método universal, superior a todos os outros métodos, que seja aceito pelo conjunto dos pesquisadores e possibilite realizar uma boa resenha de leitura. No entanto, a experiência demonstra que certo número de características se encontra na grande maioria das resenhas. O método proposto aqui se baseia na consideração dessas características recorrentes, ordenadas de acordo com um padrão lógico que vai do geral ao particular.

Primeira parte: contexto e origem da obra

A primeira parte da resenha tem como objetivo situar bem a obra e seu autor, identificar os objetivos dele e os limites fixados para seu projeto e seu trabalho, especificando as características distintivas da obra.

Situar bem a obra significa, primeiramente, detectar o tema abordado no livro, o assunto sobre o qual ele versa. Por exemplo: de que essa obra trata? Por qual questão geral o autor do livro se interessa? Qual o problema fundamental debatido nessa publicação?

Situar bem uma obra quer dizer, em segundo lugar, dar certo número de informações sobre o contexto de produção do livro. Por exemplo: a que público é destinada a obra? Em que conjuntura política, social ou intelectual ela foi redigida? A que corrente teórica, metodológica ou historiográfica seu autor a vincula?

Situar bem o autor da obra significa, se for o caso, indicar por que uma obra, pelo fato de ter sido redigida por um autor ou vários, em especial, desperta um interesse novo ou singular e assume uma orientação original.

Identificar os objetivos visados por um autor e os limites que ele fixa para seu projeto e para sua atividade significa, em primeiro lugar, deixar bem clara a perspectiva que esse autor assumiu para abordar seu objeto de estudo, definir o contexto de sua análise e delimitar o espaço aceitável de sua argumentação. Também é reconhecer o trajeto percorrido pelo autor para fazer

sua demonstração avançar. Isso significa, finalmente, trazer à tona as escolhas fundamentais subjacentes à atividade intelectual do autor: métodos, procedimentos de análise, tipo de prova, estilo, tom do texto etc. A determinação dos objetivos e limites de uma obra constitui condição essencial para evitar comentá-la em função de critérios imprecisos e superficiais, traindo assim o projeto de seu autor.

Especificação das características distintivas de uma obra significa ressaltar as particularidades da obra, bem como os elementos que lhe conferem originalidade, pertinência ou interesse.

Segunda parte: esquema e análise da obra

A segunda parte da resenha tem como objetivo expor ao leitor o **modo de raciocinar** do autor e o **conteúdo** da obra. O ideal é que essa parte se decomponha em três subpartes que correspondam a um número igual de parágrafos:

- discernir a **tese** desenvolvida na obra;
- identificar o fio condutor e as diferentes articulações da **demonstração** feita;
- estabelecer o desenvolvimento da **argumentação**, sabendo distinguir o essencial do acessório.

Nessa parte, o estudante apresenta ao leitor as principais hipóteses enunciadas, os pontos fortes da demonstração, a originalidade e a audácia das formulações, a profundidade da análise, a sagacidade das observações, o interesse despertado pelos exemplos mencionados e o alcance das conclusões. O tamanho da resenha depende, evidentemente, do espaço de redação que é concedido ao estudante.

Nessa segunda parte, o jovem pesquisador deve ter extremo respeito pelo raciocínio do autor e pela complexidade da argumentação desenvolvida. Ele deve evitar caricaturar e simplificar a tese ou a análise. Deve buscar uma mistura judiciosa de síntese e nuance, para dar destaque à riqueza dos argumentos. Por essa razão, a resenha de uma obra exige do estudante uma compreensão profunda do livro ou do documento que tenha em mãos.

Terceira parte: avaliação final e apreciação crítica da obra

A terceira parte da resenha consiste na **avaliação final** e na **apreciação crítica** da obra recenseada. Essa avaliação final e essa apreciação devem alinhar-se com os objetivos e os limites impostos pelo autor a seu projeto científico. A avaliação final tem como fundamento o exame crítico e inteligente da obra. Quanto à apreciação, não deve consistir numa soma de frases banais ou complacentes.

Nessa terceira parte, é essencial estabelecer claramente e de maneira concisa:

- o que é importante reter da obra resenhada;
- o motivo pelo qual a obra merece ou não merece ser lida, uma maneira de identificar seus pontos fortes e seus pontos fracos.

No primeiro parágrafo, o estudante deve esclarecer de que modo a obra analisada possibilita avançar na compreensão de uma questão intelectual ou no aprofundamento de um problema teórico ou metodológico. Ele deve deixar claro por que a obra dá resposta às indagações feitas na origem pelo autor ou veicula perspectivas novas em relação ao debate no qual se insere.

No segundo parágrafo, o jovem pesquisador deve formular uma apreciação crítica sobre a obra. Essa apreciação versa sobre elementos próprios à obra (fala-se então de apreciação interna) ou é feita a partir de uma perspectiva exterior a esta (trata-se aí de apreciação externa). O estudante também pode explorar as duas possibilidades ao mesmo tempo. No caso da apreciação interna, ele se pergunta se os problemas expostos pelo autor em sua obra são formulados com clareza, se sua argumentação está baseada em dados verificados, se seu raciocínio e seus enunciados se desenvolvem de maneira lógica e coerente, se suas conclusões são originais e assim por diante. No caso da apreciação externa, o estudante avalia a obra em relação à contribuição de outros livros que abordem assuntos semelhantes ou utilizem abordagens metodológicas semelhantes.

Cabe esclarecer que também é possível formular alguns juízos críticos de modo pontual, antes de finalizar a resenha, por exemplo, para indicar uma lacuna, uma contradição, uma in-

coerência, um erro ou mesmo uma incorreção gramatical ou tipográfica.

... E CONHECER CERTOS TRUQUES

Embora a assimilação e o domínio de uma metodologia de trabalho representem condição necessária à redação de uma boa resenha, o conhecimento de alguns recursos, frutos da experiência, só pode melhorar a qualidade geral do exercício, tanto em termos de fundo como de forma.

Antes da leitura

Ao contrário do que se pensa, o trabalho que precede a leitura integral e atenta da obra é muito importante, chegando a ser determinante em alguns casos.

Assim, parece essencial conhecer pelo menos um pouco o autor da obra avaliada, ou seja, seus trabalhos, assuntos sobre os quais escreveu, trajetória intelectual, redes profissionais das quais faz parte etc. Trata-se de indicadores capazes de nos informar sobre várias características internas da obra, tais como tom do texto e estilo, abordagem metodológica escolhida, questões abordadas ou tipo de prova utilizada. Uma obra redigida por Condoleezza Rice sobre a intervenção militar norte-americana no Iraque não pode ser avaliada do mesmo modo que uma obra escrita sobre esse assunto por um altermundialista confesso ou por um acadêmico que, sem vínculos partidários precisos, pretenda respeitar todas as facetas da análise equilibrada.

Evidentemente, nem sempre é fácil encontrar informações sobre o autor de uma obra. Mas é possível sair-se bem consultando diversas fontes. Além de aproveitar os recursos da internet procurando o nome do autor em dispositivos de busca conhecidos (Google, Yahoo!, AltaVista, Infomine etc.), é possível utilizar os dados biográficos que figuram frequentemente na orelha das obras ou nas páginas iniciais do livro. Pode-se também recorrer ao catálogo eletrônico das grandes bibliotecas que, na rubrica "Autor", menciona a lista total ou parcial das obras publicadas

por um autor. Do mesmo modo, pode-se percorrer a bibliografia incorporada à obra resenhada que, em muitos casos, apresenta a lista parcial ou completa dos trabalhos publicados ou inéditos do autor. Por outro lado, alguns catálogos e dicionários especializados apresentam notas biográficas de grande número de autores de maior ou menor conhecimento do público¹. Evidentemente, um pesquisador eficiente sempre terá à mão um dicionário de nomes próprios. Por fim, cabe esclarecer que algumas grandes bibliotecas possuem arquivos centrais de notas biográficas que podem ser de grande ajuda para o estudante.

Um modo de determinar rapidamente o tema abordado por uma obra, conhecer com precisão as intenções do autor, distinguir a metodologia utilizada, saber a que público ele se dirige e ter uma ideia do plano seguido e da articulação das partes do livro consiste em ler com atenção a introdução. Uma boa introdução costuma dar todas essas informações, justificando-as. Uma leitura atenta da introdução é condição necessária a uma leitura inteligente da obra. Em certos casos, pode-se completar a leitura da introdução com o estudo minucioso do índice, quando ele é detalhado.

Por fim, antes de abordar a leitura integral da obra, o estudante esperto levará em consideração todo um conjunto de detalhes insignificantes à primeira vista: a data de publicação inicial da obra, que possibilita identificar a conjuntura política, social e intelectual na qual o livro foi escrito; a coleção na qual está publicado, que informa sobre os limites editoriais do projeto do autor (uma obra publicada numa coleção encomendada deve adequar-se a certas exigências que influem decisivamente no fundo e na forma); os trabalhos citados nas referências, que dizem muito sobre o esforço de pesquisa do autor e sobre o tipo de conhecimento a partir do qual ele decidiu compor seu livro.

1. Ver, no capítulo 2, o subtítulo "Catálogos biográficos" na seção intitulada "Ciberferramentas documentais", p. 79.

Durante a leitura

O estudante encarregado de avaliar uma obra deve ater-se a três níveis de leitura para se aprofundar no conteúdo do livro. Com a experiência, porém, é possível fazer esse trabalho simultaneamente.

O primeiro nível de leitura consiste em **assimilar o conteúdo** da obra. O objetivo visado é aprender, informar-se, ouvir o autor. Depois dessa leitura, deve ser possível responder a uma pergunta elementar: o que diz o autor em sua obra? Esse primeiro nível de leitura já pode dar ensejo a um importante trabalho de “desbaste” do livro: procura das afirmações principais (cabeças de parágrafos) em torno das quais se estrutura e desenvolve o enunciado; numeração dos elementos de prova que servem para sustentar essas afirmações; detecção de incoerências na argumentação; anotação sistemática de erros gramaticais e tipográficos, equívocos, formulações pesadas etc. O estudante deve reconstituir em folhas à parte a estrutura de cada um dos capítulos, resumindo o essencial de um parágrafo, de um bloco de parágrafos ou de uma subparte com uma frase ou uma palavra-chave. Esse trabalho, que é fundamental, evita esquecimentos e possibilita a distinção imediata entre o essencial e o acessório. Um exemplo de leitura assimilativa que incorpora um trabalho de desbaste é dado na página seguinte.

O segundo nível de leitura tem por objetivo **compreender o modo como o autor trabalha**, reconhecer e aceitar suas escolhas e intenções, captar a lógica do raciocínio e da demonstração que ele efetua. No fim dessa leitura, o estudante pode responder às seguintes perguntas: como o autor faz para enunciar suas ideias? Que trajeto ele segue para chegar a seus objetivos? Que limites impõe a seus enunciados? Quais eram seus postulados de partida? Com essa leitura compreensiva, o jovem pesquisador tem acesso à estrutura da obra e atinge o cerne do pensamento do autor. Essa é a condição necessária para assumir a famosa distância em relação à obra, da qual falávamos antes, distância que possibilita afastar-se do texto (portanto, evitar cair no resumo) sem trair o projeto, o raciocínio e a demonstração do autor.

O terceiro nível de leitura consiste em **examinar a obra de maneira crítica**. Essa leitura permite que o estudante responda às

Leitura assimilativa e trabalho de desbaste de um texto

Cabeça do parágrafo	[É verdade que durante as décadas de 1940 e 1950 a população do Quebec pôde ser beneficiada por grandes programas de seguridade e assistência social implantados pelo governo federal, com a contribuição financeira das províncias.] Assim, desde 1940, algumas categorias de trabalhadores que se encontram fora da produção econômica podem receber seguro-desemprego. A partir de 1944, as famílias com filhos dependentes podem, por sua vez, receber salários-família. A partir de 1951, as pessoas com mais de 70 anos podem contar com o recebimento das pensões de seguridade por velhice e as pessoas com 65 a 70 anos, com pensões por velhice e assistência. Os cegos e inválidos podem ser beneficiados, respectivamente, a partir de 1951 e 1954, por uma ampliação dos critérios de admissibilidade nos programas de assistência financeira que lhes são reservados. Enfim, a partir de 1959, as pessoas necessitadas que não trabalhem podem contar com com os pagamentos de seguro-	
1º elemento de prova		
2º elemento		
3º elemento		
4º elemento		
5º elemento		/mis
Conclusão do parágrafo	[Historicamente, todos esses programas tiveram por efeito diminuir os riscos inerentes à vida atual e favorecer o consumo de categorias sociais que têm dificuldade para comprar no mercado as condições de sua reprodução.]	/x
Cabeça de parágrafo	[No início da década de 1960, porém, os dados fundamentais relativos ao problema da dependência econômica realmente não mudaram na província.] Mais de 30% da população continua sofrendo de insuficiência de rendimentos e, por conseguinte, vivendo sob o limiar de pobreza. Se utilizarmos outros critérios para medir o nível de vida, veremos que a proporção de indivíduos e famílias que vivem esporádica ou regularmente em situação de pobreza se eleva e ultrapassa 50% em algumas faixas etárias.	
1º elemento de prova		/o
2º elemento de prova		} fontes?
Cabeça de parágrafo	[As razões para essa situação são numerosas. Enumeraremos as que estão ligadas à administração dos programas de garantia de renda] / /.	
1º elemento de prova		
2º elemento de prova		/x
3º elemento de prova		
Conclusão do parágrafo	[No conjunto, a garantia de renda do modo como está organizada no Quebec no início da década de 1960 é inadequada para solucionar o importantíssimo problema da insuficiência de rendimentos na província.]	

seguintes perguntas: qual é o alcance das ideias do autor? Qual o valor, o interesse ou a vulnerabilidade dessas ideias? Seu propósito é original, novo, estimulante? Tirando proveito do que foi obtido das duas leituras anteriores, o jovem pesquisador chega a uma avaliação pertinente, equilibrada e fundamentada do livro.

Na hora da redação

Quando chega a hora de redigir uma resenha, é importante respeitar três princípios:

1. Primeiro, é preciso refletir. Uma resenha ruim é quase sempre produto de um estudante autômato, que lê sem assimilar nem compreender as páginas que devora, não deixando que a leitura se sedimente antes de escrever, redigindo maquinalmente o texto na crença de que a observância escrupulosa de um método de trabalho pode permitir que ele deixe de fazer um trabalho de entendimento.

2. Em segundo lugar, é essencial utilizar um dicionário analógico para encontrar a palavra precisa e a aceção apropriada, tornando a expressão escrita mais elegante.

3. Por fim, é preciso cuidar do estilo, buscar a síntese e sempre tentar situar bem o leitor na progressão de seu próprio texto. Essa tentativa de situar o leitor pode ter resultado recorrendo-se a certas **frases demarcadoras**. Alguns exemplos desse tipo de frase: "A questão tratada nesta obra é..."; "O objetivo do autor é..."; "A tese desenvolvida pelo autor pode ser enunciada da seguinte maneira:"; "Essa tese se decompõe em ... partes"; "Do texto analisado depreendem-se os seguintes ensinamentos:".

3. EXEMPLOS DE RESENHAS

Para tornar mais evidentes as recomendações formuladas acima, propomos nas próximas páginas dois exemplos de resenha. O primeiro exemplo versa sobre um texto curto; o segundo, sobre uma obra completa. Com o objetivo de atingir o máximo efeito didático, assinalamos à margem das duas resenhas os elementos informativos que habitualmente constituem o conteúdo

de uma resenha. Cabe ressaltar que esses exemplos não são modelos perfeitos; representam simplesmente maneiras convenientes de fazer o exercício.

Antes de terminar, é preciso fazer uma observação. Há algum tempo, assistimos à multiplicação de obras coletivas. Nunca é fácil resenhar uma obra coletiva, em vista da heterogeneidade frequente dos textos que a compõem. O jovem pesquisador tem então duas possibilidades: proceder de modo convencional, pondo em relevo a contribuição de cada um dos autores para o tema central da obra; detectar certo número de subtemas que articulem a matéria do livro, destacando a contribuição de um ou outro texto em relação a um ou vários desses subtemas.

RESENHA DE UM TEXTO CURTO

ROBERT, Jean-Claude. *Du Canada français au Québec libre: histoire d'un mouvement indépendantiste*. Paris: Flammarion, 1975. 323 p. Mapas, bibliogr., p. 199-206. Transcrito com o título *La Révolution tranquille* [A Revolução Tranquila], em *Le Québec en textes, 1940-1980*, textos reunidos e apresentados por Gérard Boismenu, Laurent Mailhot e Jacques Rouillard. Montréal: Boréal Express, 1980. 574 p. Cronol., bibliogr., p. 207-13.

Contexto e origem

Tipo de texto (indicativo dos limites do texto)	Neste texto de síntese redigido para um público sobretudo francês.
Competência do autor	Jean-Claude Robert, historiador famoso e autor de várias obras sobre a história do Quebec e de Montreal.
Intenção do autor e assunto abordado	procura determinar e definir as principais características de um episódio celebrado da história recente do Quebec: a Revolução Tranquila.
Objetivos específicos do texto	Seus objetivos são três: identificar as principais mudanças ocorridas na sociedade quebequense durante os anos 1960-1966; identificar as discontinuidades aparentes entre o período da Revolução Tranquila e o do regime de Duplessis; propor uma cronologia dos acontecimentos que demarcam a Revolução Tranquila.
Tipo de análise	A análise proposta pelo autor para esse período é essencialmente descritiva, e sua interpretação é bastante clássica.
Influência da conjuntura sobre as questões abordadas	Redigido numa conjuntura política e social marcada pela efervescência de um nacionalismo agressivo e pela ascensão do projeto de autonomia do Quebec, o texto de Robert faz parte de

uma corrente historiográfica que tem em vista estudar o longo processo de afirmação da sociedade quebequense como sociedade distinta e plena.

Esquema e análise

Tese proposta

Para Robert, a Revolução Tranquila é “o conjunto de transformações sofridas pela província de Quebec entre 1960 e 1966”.

Exposição da tese

Segundo ele, essas transformações são de três tipos: atenção aos interesses dos quebequenses por parte do governo, afirmação de um pluralismo ideológico e nascimento de um novo nacionalismo.

Fio condutor

Essas transformações distinguem nitidamente o período 1960-1966 dos anos anteriores, qualificados de maneira caricatural, porém significativa, como anos do “Grande Negrumé”. Essas transformações não são obras do acaso, mas provocadas por novas camadas sociais que conseguem abalar as antigas elites.

Elementos essenciais

da argumentação

A intervenção cada vez mais consolidada do Estado no desenvolvimento econômico e social, o intuito de democratizar a vida política, sobretudo a abertura da cultura quebequense à cultura francesa, o declínio da religião e o surgimento de um novo nacionalismo combativo e seguro constituem, para Robert, as características do período 1960-1966. Apesar de influenciada por vários acontecimentos importantes que encarnam seu caráter renovador (ascensão dos liberais ao poder, publicação de *Insolences du frère Untel*, comissão Parent, inauguração da Délégation générale du Québec em Paris, nacionalização da eletricidade), a Revolução Tranquila perde fôlego a partir de 1964.

Avaliação final

Principais ensinamentos do texto

Do texto de Robert extrai-se a seguinte conclusão: com a Revolução Tranquila tem início uma nova fase da evolução histórica do Quebec, fase marcada pela intervenção mais intensa e onipresente do Estado e pelo desejo dos quebequenses de garantir e assumir seu futuro coletivo.

RESENHA DE UMA OBRA COMPLETA

LÉTOURNEAU, Jocelyn. Resenha de K. J. Rea, *The Economic History of Ontario, 1939-1975*. Toronto: University of Toronto Press, 1985, *Revue d'histoire de l'Amérique française*, v. 40, n. 4, p. 618-22, printemps 1987.

Contextualização da obra

Essa obra é a primeira de uma série de três publicadas sobre a história econômica de Ontário. As outras duas obras versarão sobre períodos cronológicos anteriores a este que é estudado pelo autor. Redigido por insigne economista da Universidade

Gênero	de Toronto, esse livro de síntese é destinado a um público amplo. Pode-se imaginar que ele será especialmente apreciado pelos pesquisadores que queiram encontrar numa única obra um panorama bastante completo das principais facetas do desenvolvimento econômico de Ontário desde 1939.
Principal questão abordada	O objetivo do autor está claramente enunciado no prefácio. Insistindo no papel desempenhado pelo Estado na organização e na regulação da vida econômica, ele procura explicar as principais características do desenvolvimento econômico de Ontário no período que vai de 1939 a 1975. A contribuição do setor privado para esse desenvolvimento não é abordada. O objetivo do autor determina a organização geral do livro. Dos onze capítulos (incluindo a conclusão), três tratam da contribuição de diversos fatores para o crescimento econômico de Ontário, quatro examinam a evolução dos principais setores de atividade econômica da província e dois dão destaque ao crescente papel do Estado em termos de administração da força de trabalho social, alocação de recursos e regulação econômica. No capítulo introdutório, o autor esboça um quadro das condições econômicas de Ontário durante o período do pós-guerra. Nele, expõe os principais desafios que precisavam ser enfrentados pelos políticos da época, mencionando certas questões importantes levantadas durante os debates públicos.
Objetivo do autor	No conjunto, a argumentação é principalmente descritiva. Aliás, essa é a força principal do livro e aquilo que o torna interessante. O autor se abstém de basear seu texto num modelo explícito de análise econômica. Claramente, Rea não pretende construir sua argumentação sobre uma percepção axiomática do funcionamento de uma economia nacional. Na prática, ele retoma as classificações convencionais presentes na maioria dos manuais de economia. Esse método, porém, não diminui o interesse da obra, sendo seu principal objetivo informar e documentar, e não interpretar e debater. Muito prudente em suas afirmações, alegando sempre a falta de provas concludentes, o autor se recusa a assumir uma posição que o obrigue a decisões drásticas. O exemplo mais evidente e frequente consiste em saber se a intervenção reguladora do Estado teve efeitos positivos sobre o crescimento econômico da província. Enquanto, sem dúvida, a crença da época, inspirada pela difusão das ideias keynesianas, era favorável à tese dos efeitos benéficos da intervenção do Estado, a análise econômica raramente conseguiu demonstrar a realidade desses efeitos.
Organização geral da obra	Escrita em estilo sóbrio, baseada numa documentação composta principalmente por documentos ministeriais, relatórios de comissões de inquérito, coletâneas estatísticas e estudos especializados, a obra também conta com um índice remissivo muito útil. O texto é acompanhado por cinquenta e uma tabelas. É de
Metodologia	
Limites da discussão	
Características distintivas da obra	

notar a falta de uma bibliografia e de alguns mapas que possibilitem visualizar a configuração mutável do espaço econômico ontariano. No entanto, a obra pertence a uma série que também inclui um guia bibliográfico (Olga B. Bishop et al., *Bibliography of Ontario History, 1867-1976: Cultural, Economic, Political, Social*, 2 v., 1980) e um atlas histórico (R. Louis Gentilcore e C. Grant Head, *Ontario's History in Maps*, 1984).

A argumentação desenvolvida pelo autor organiza-se em torno de duas linhas diretivas que se entrelaçam continuamente. É possível resumir da seguinte maneira os pontos mais importantes dessa argumentação:

Tese proposta

1. Depois da guerra, Ontário e a região do Sudoeste em particular consolidam sua posição de primeiro centro industrial e financeiro do Canadá. Vários fatores concorrem para esse estado de coisas: crescimento demográfico apreciável aliado a movimentos internacionais e internos de migração favoráveis à província; altos índices de participação da mão de obra, sobretudo feminina, em atividades remuneradas; expansão do espaço econômico existente, graças ao domínio de novas tecnologias que possibilitam a exploração rentável do potencial das minas e florestas da província; elevadíssimo volume de investimentos privados e públicos, sobretudo na construção civil dos setores residencial e comercial, na infraestrutura de transportes e no aproveitamento do potencial hidrelétrico; aumento constante da demanda de bens de capital e de serviços, possibilitado pela elevação dos rendimentos reais, com melhores condições de oferta e transformação das práticas de consumo popular. As consequências que essas tendências básicas provocaram na estrutura industrial de Ontário foram notáveis. Observou-se um progresso considerável dos setores de serviço, de comércio e de finanças, bem como do turismo; declínio relativo das atividades ligadas à agricultura, à pesca e ao curtume como fontes de renda e empregos; consolidação da importância das atividades mineradoras e florestais, especialmente geradoras de desenvolvimento nas regiões situadas mais ao norte da província; manutenção da indústria manufatureira como fonte importante de empregos, renda e valor agregado.

Tese proposta

2. Gradualmente, durante o período considerado, a intervenção reguladora do Estado manifesta-se em quase todas as esferas da atividade econômica. Mas é preciso ressaltar que essa presença do Estado é menos forte em Ontário do que em outras províncias. Procura-se organizar as relações intercapitalistas pela regulamentação dos mercados; procura-se administrar a mão de obra por meio da ampliação da legislação trabalhista; procura-se um controle relativo das condições de exploração das riquezas naturais pela instauração de medidas disciplinares; procura-se certa regularização das condições de existência da população arcando-se

Principais elementos da demonstração

com uma parte dos custos inerentes à reprodução das famílias e dos indivíduos (educação, saúde, bem-estar): esses são exemplos que confirmam a importância adquirida pelo Estado. Segundo o autor, essa intervenção crescente do governo na vida econômica e social decorre de quatro razões principais: da “demanda maior de Estado” por quase todas as camadas sociais; das pressões criadas pelo processo de industrialização e de urbanização; da tendência dos formadores da opinião pública ontariana a resistir à pretensão do governo federal de assumir responsabilidade crescente em termos de organização da vida econômica; da ideia cada vez mais disseminada, em todas as camadas sociais, da pertinência da intervenção estabilizadora do Estado, aquilo que outros autores chamaram de difusão de uma cultura social-estatizante.

Avaliação crítica

A obra de Kenneth Rea constitui uma referência indispensável para apreciar as linhas mestras do desenvolvimento econômico de Ontário no período do pós-guerra; apesar disso, também contém certo número de pontos fracos não necessariamente decorrentes do seu gênero.

1º elemento de crítica

Primeiramente, o autor não contextualizou realmente o desenvolvimento econômico de Ontário em relação àquilo que eu chamaria de “economia política do federalismo rentável” no Canadá, ao ambiente concorrencial específico no qual se insere a província e às grandes tendências que se manifestam na época dentro do espaço norte-americano. Assim, o desenvolvimento econômico de Ontário aparece como o resultado de uma dinâmica relacional entre certo número de fatores que produzem efeito de crescimento num espaço praticamente fechado. Com exceção de algumas alusões que não têm alcance significativo sobre a argumentação principal, não é feita nenhuma análise específica sobre os efeitos provocados no espaço econômico ontariano pela estratégia de crescimento instaurada pelo governo federal logo depois da Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento econômico de Ontário quase nunca é relacionado com a dinâmica interindustrial própria à região dos Grandes Lagos (ambiente econômico e concorrencial ao qual, porém, pertence fundamentalmente a província). Por fim, o desenvolvimento econômico de Ontário tampouco é estudado à luz da divisão econômica do trabalho que se impõe em escala do continente norte-americano após a guerra (efeitos gerados por aquilo que vários autores chamaram de “integração continental dependente”). Toda a contribuição conceitual e analítica de pesquisadores como Wallace Clement, Glen Williams e David Wolfe, para citar apenas três, é assim negligenciada. Esse fato certamente resulta de uma escolha do autor, mas impede que se tenha acesso a um nível de leitura mais sutil do desenvolvimento econômico de Ontário e empobrece a análise empírica empreendida.

2º elemento de crítica

Em segundo lugar, é difícil entender por que o autor trata da “regulamentação estatal da relação salarial” (minha formulação) num capítulo que versa principalmente sobre os movimentos populares, as taxas de participação da mão de obra, sua composição e sua distribuição pelos grandes setores econômicos (capítulo 2). O estudo da extensão do sistema das relações industriais e do papel desempenhado pelo Estado no estabelecimento de novas normas salariais e na determinação das condições de trabalho deveriam ter sido objeto de um capítulo à parte, em vista da importância desses aspectos nos esforços de regulamentação macrosocial e macroeconômica envidados pelos diversos níveis governamentais depois da guerra.

3º elemento de crítica

Em terceiro lugar, o capítulo 10, no qual o autor se interessa pelo papel econômico do governo provincial, deixa o observador insatisfeito. É verdade que se trata de uma questão difícil de dominar. Apesar disso, seria esperada uma argumentação mais rica, pelo menos mais sugestiva, sobre a dinâmica que está na origem da expansão dos gastos públicos. O crescimento do papel econômico do governo é interpretado como o resultado imprevisível de pressões conjunturais e de contingências para as quais é praticamente impossível encontrar um princípio diretor, uma coerência de conjunto. O autor talvez tenha razão. Mas ficamos com a impressão de que essa interpretação decorre muito mais de uma desistência diante do esforço de entender do que de uma reflexão minimamente aprofundada acerca do problema levantado. Em nenhum momento o Estado é considerado um mecanismo que possua alguma autonomia institucional e aja positivamente no sentido de modificar tendências ou orientar a marcha dos acontecimentos. A pobreza de reflexão do capítulo 10 provavelmente decorre da escolha do autor de limitar-se a uma análise empírica *stricto sensu* e de sua recusa de tirar proveito de certas problemáticas desenvolvidas pela ciência política e pela sociologia contemporâneas. Pode ser que o tipo de prova considerada válida por essas disciplinas não satisfaça o economista incapaz de se desfazer, no fundo, do paradigma da quantificação.

Principal mérito

No conjunto, a obra de Kenneth Rea constitui uma base sólida a partir da qual é possível empreender numerosos outros estudos sobre a história econômica de Ontário. Embora a argumentação desenvolvida não seja muito audaciosa, em vista da grande prudência do autor, seu mérito consiste pelo menos em estabelecer alguns marcos que é impossível não levar em conta. A obra atingirá seu objetivo quando outros pesquisadores, mais ousados, decidirem penetrar no universo sempre arriscado da interpretação, com base na contribuição do autor.

COMO FAZER A RESENHA DE UMA LEITURA

Objetivos da resenha	Contexto da obra	Descoberta do conteúdo	Apreciação
<p>Elementos de informação para o leitor</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assunto do livro • Questão específica abordada pelo autor • Quem é o autor? É especialista no assunto? Nota sobre sua trajetória intelectual recente • Que intenções, objetivos tenta atingir com a obra? • A quem o autor se dirige? • Quais são as escolhas fundamentais subjacentes a seu modo de trabalhar (métodos; procedimentos de análise; tipo de prova; estilo; tom do texto etc.)? • Características distintivas da obra, por exemplo: possui uma bibliografia, um índice remissivo, tabelas? • Limites da obra: determinados pelo autor e impostos por certas pressões editoriais 	<ul style="list-style-type: none"> • Qual é a tese proposta na obra? • Como o autor desenvolve sua tese? (O autor estrutura sua tese em ... partes. Segue a seguinte trajetória: começa com...) • Quais são os pontos de destaque da argumentação desenvolvida? (Ressaltar principais afirmações e conclusões – comentadas, se necessário, pelo resenhista) 	<ul style="list-style-type: none"> • Realizar a avaliação final: <ul style="list-style-type: none"> – principais ensinamentos da obra – avaliação crítica (interna ou externa) • Motivo pelo qual a obra merece ou não merece ser lida
<p>Recursos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar-se sobre o autor • Ler com atenção a introdução da obra • Ler o índice analítico • Examinar a bibliografia • Identificar os autores citados na obra • Notar a data de publicação da obra e a coleção à qual pertence • Levar em conta o gênero da obra: síntese, divulgação; manual; compêndio; obra teórica etc. 	<p>Pré-requisitos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limitar-se a três níveis de leitura da obra: <ul style="list-style-type: none"> – leitura assimilativa (o que o autor diz?) – leitura compreensiva (como ele diz?) – leitura crítica (qual o valor e o alcance daquilo que ele diz?) <p>Como não esquecer nada?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar o método das palavras-chave para reconstituir o arcabouço da argumentação desenvolvida pelo autor • Notar todas as características particulares à medida que a leitura é feita 	<ul style="list-style-type: none"> • Tirar proveito das leituras anteriores • Consultar, se necessário, uma síntese sobre o assunto do livro para avaliar bem sua contribuição, sua originalidade

Precauções ao redigir

- | | | |
|--|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Cuidar do estilo | <ul style="list-style-type: none"> • Usar um dicionário analógico • Procurar ser sintético | <ul style="list-style-type: none"> • Situar o leitor |
|--|--|---|